 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 029. Culturas populares, rituais, festas e sujeitos em performance: diversidade sexual, racial e de gênero

Rafael da Silva Noleto (Universidade Federal de Pelotas) - Coordenador/a, Hugo Menezes Neto (Universidade Federal de Pernambuco) - Coordenador/a

No campo de estudos sobre rituais, festas, culturas populares e manifesta?es perform?ticas h? uma discuss?o consolidada sobre pr?ticas culturais coletivas que conformam estruturas rituais, sociabilidades festivas e pertencimentos identit?rios. Com muita frequ?ncia, entretanto, as abordagens privilegiam a an?lise de certas manifesta?es culturais em sua totalidade perform?tica, invisibilizando processos de subjetiva??o dos sujeitos que as integram. Em detrimento do debate sobre como os sujeitos produzem suas manifesta?es art?stico-culturais, buscaremos discutir como essas manifesta?es produzem os seus sujeitos e, de outra perspectiva, como os referidos processos de subjetiva??o por vezes apontam para a subvers?o e agenciamento de l?gicas, din?micas e conte?dos simb?licos da tradi??o. Pensando o desafio da gest?o das diferen?as sociais e do peso das premissas tradicionais presentes nos contextos rituais, festivos e/ou art?sticos, pretendemos reunir pesquisas que discutam tais contextos na interface com os debates antropol?gicos sobre diversidade sexual, etnicorracial e de g?nero, atentando para: os processos atrav?s dos quais as pessoas se tornam sujeitos sexualizados, racializados e generificados; e as possibilidades de mudan?as de pr?ticas rituais, festivas e/ou art?sticas como efeito das atuais discuss?es pol?ticas sobre a diversidade e a gest?o da diferen?a.

Os processos de subjetivação dos sujeitos nas performances afro-brasileiras na cidade de Goiás: outros caminhos possíveis

Autoria: Eliene Nunes Macedo, Izabela Maria Tamaso

Esta comunicação busca refletir sobre as performances afro-brasileiras na cidade de Goiás (GO) e os processos de subjetivação dos sujeitos que as constituem e são constituídos por elas. Parte-se de uma imersão nas interações e experiências de um povo negro contemporâneo, que atua no palco de uma antiga cidade colonial: cidade de Goiás, cujo centro histórico está marcado por valores cristãos e uma elite ?mestiça? que sempre almejou o branqueamento. O título de Patrimônio da Humanidade, outorgado pela UNESCO, em 2001, ao realçar esse processo histórico da cidade colonial, paradoxalmente, acabou por fomentar o surgimento de outras práticas culturais, que dialogam intensamente com as atuais discussões políticas sobre diversidade e diferença, nas relações étnico-raciais. As novas práticas culturais, aqui compreendida como performances, estabelecem novas conexões entre o contexto mundial da (des)colonialidade e as manifestações locais, atribuindo novos contornos às expressões culturais. Simultaneamente, foram germinando novos agentes, cujas transformações apontam para a subversão de seus valores cristãos e põem em proeminência o agenciamento de conteúdo simbólicos de suas manifestações afro-brasileiras. Serão apresentados alguns líderes, responsáveis pela gestão da subjetivação desse sujeito brasileiro, reflexivo, crítico, criativo - que colocam em relevo suas raízes africanas ? destacando suas atuações em várias ações na educação formal (escolas de formação básica, universidades, escolas técnicas, cursos de formação, conferências) e na não-formal (rituais, festas, práticas corporais, práticas religiosas), construindo e mediando seus próprios discursos e seus sistemas de representação. Esta análise terá como referência momentos distintos, ocorridos entre janeiro de 2016 a maio de 2018, durante a pesquisa de campo realizada na cidade de Goiás. Trata-se de uma pesquisa apoiada no método etnográfico, que tem como principal objetivo interpretar as performances afro-brasileira da cidade de Goiás. Apesar de ser uma análise em desenvolvimento, observa-se que nessa cidade, carregado de valores patrimoniais, a relação identitária começa a sofrer rupturas e geram ruídos nos tradicionais protocolos sociais construídos e definidos

 ISBN: 978-85-87942-61-6

ao longo de quase três séculos. Cabe sublinhar que esse povo negro, por meio de diferentes processos de subjetivação, está construindo novos traços e trilhando outros caminhos no processo de humanização do próprio homem. Nesse sentido, observa-se que essas performances afro-brasileiras ? agindo de forma múltiplas em sujeitos distintos - são efetivamente significativas na construção da subjetivação de seus praticantes, transformando a forma que eles veem o mundo e compreendem a si mesmo.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**